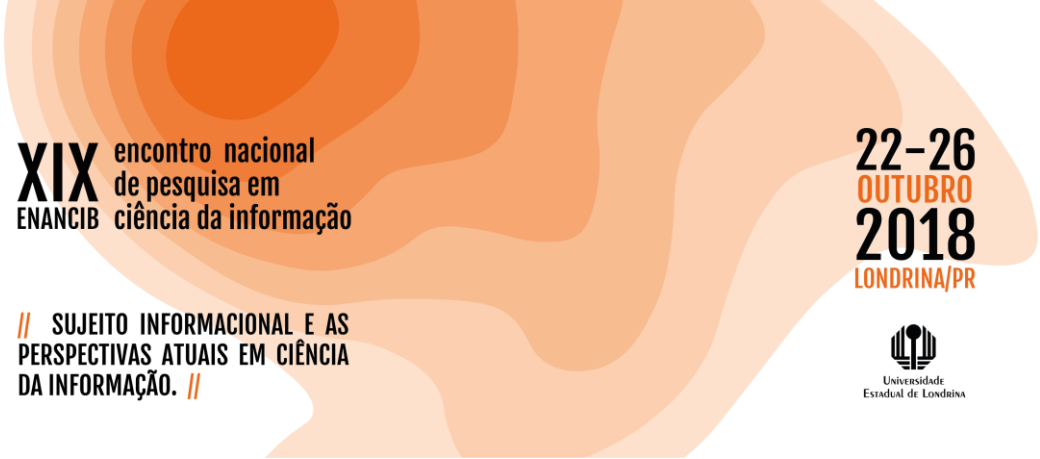




XIX encontro nacional
de pesquisa em
ENANCIB ciência da informação

// SUJEITO INFORMACIONAL E AS
PERSPECTIVAS ATUAIS EM CIÊNCIA
DA INFORMAÇÃO. //

22-26
OUTUBRO
2018
LONDRINA/PR



XIX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2018

GT 10 – Informação e Memória

DIÁLOGOS ENTRE A MITOLOGIA E A TRADIÇÃO CRISTÃ: REFLEXÕES ACERCA DA “MEMÓRIA” NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO À LUZ DE HARALD WEINRICH E JOHANES BAPTIST METZ

Emilson Ferreira Garcia Junior (UNINASSAU)

Camila Lima Alves (UFPE)

Edvaldo Carvalho Alves (UFPB)

Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira (UFPB)

DIALOGUE BETWEEN THE MYTHOLOGY AND THE CHRISTIAN TRADITION: REFLECTIONS ON “MEMORY” IN INFORMATION SCIENCE IN THE LIGHT OF HARALD WEINRICH AND JOHANES BAPTIST METZ

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: Essa investigação busca estabelecer um diálogo entre os teóricos Harald Weinrich, autor do livro *Lete: arte e crítica do esquecimento* (2001) e Johannes Baptist Metz, com sua obra *Por uma cultura de la memoria* (1999). Para desvelar tal contexto, esse estudo realiza uma incursão no campo da memória em Ciência da Informação, aprofundando suas concepções teóricas, bem como os novos cenários envolvidos nesta concepção de memória, produzidos a partir de alguns mecanismos de informação. O estudo cruza as perspectivas dos dois autores supracitados com o intuito de perceber suas ideias e concepções acerca das constantes significações e resignificações do passado, revisitado por indivíduos e suas perspectivas de um presente. Sem deixar de lado as relações destas discussões no campo da CI.

Palavras-Chave: Memória; Esquecimento; Relação de Memória e Ciência da Informação.

Abstract: This investigation seeks to establish a dialogue between theoretical Harald Weinrich, author of *Lete: art and criticism from oblivion* (2001) and Johannes Baptist Metz, with his work *Por una cultura de la memoria* (1999). To unveil such a context, this study makes a foray into the field of memory in Information Science, deepening their theoretical concepts as well as new scenarios wrapped in this conception of memory, produced from some reporting mechanisms. The study crosses the

perspectives of the two authors mentioned above in order to realize your ideas and conceptions about the constant meanings and resignifications the past, revisited by individuals and their prospects for a gift. Without forgetting the relationship of these discussions in the field of IC.

Keywords: Memory; Forgetfulness; Relation memory and Information Science.

1 INTRODUÇÃO

As discussões empreendidas em sala de aula, suscitaram novos questionamentos acerca do campo da Memória na Ciência da Informação. A sua ampla abordagem contempla definições que dialogam com as concepções de armazenamento, recuperação e representação. Dessa forma, em sua essência, ela se coaduna com as categorias de memória que se baseiam na *recordação, lembrança e esquecimento*. É nesse contexto que acontece as chamadas *evocações*.

Nessa perspectiva, pode-se inferir que o elemento chave de todo esse processo seja a preservação. Ao mesmo tempo em que ela é um dos principais objetos de interesse dos cientistas da informação, há também a necessidade de entender a sua constituição, que em suas recorrências sucedem significados e lacunas. Com esse fio condutor, interessa-nos discutir as reflexões de dois autores da área e estabelecer cruzamentos teóricos acerca do que já foi recortado inicialmente.

O escritor, filólogo e filósofo alemão, Harald Weinrich em sua obra *Lete: arte e crítica do esquecimento* (2001), faz uma leitura sobre como o homem lida com o esquecimento a partir de comentários sobre Virgílio, Platão, Dante, Rabelais, Montaigne e Cervantes situados nos mais diversos aspectos da literatura, filosofia, história e na mitologia ocidental. Observa que o uso da palavra esquecimento, deriva da palavra *aletheia* (verdade em grego), tem como primeiro elemento o *a*, que é conhecido como um prefixo de negação, logo após (ao seu lado) vem a palavra *lethe* (rio do esquecimento). Sendo assim a palavra “verdade” para os gregos, é compreendida como o “inesquecido” ou “inesquecível”, pois os gregos procuraram a verdade do lado do não-esquecer, da memória e da lembrança

Para compreender as ideias do teólogo católico Johannes Baptist Metz, realizar-se-á uma análise de seu livro: *Por uma cultura de la memoria* (1999). Nessa coletânea de 10 artigos, o referido alemão debate temáticas contemporâneas tendo como plano de fundo os pressupostos teológicos. Sua atenção se firma nas chamadas crises pós-modernas, nos mitos do progresso e nas consequências das grandes tragédias contemporânea. Fundador da nova

teologia política, suas meditações gravitam em torno de *solidariedade, narratividade e memória*.

A percepção desse contexto originou a intenção investigativa que objetiva refletir sobre tais apropriações e sentidos da memória na fronteira esfera da CI, à luz das supracitadas obras de Weinrich e Metz. Torna-se útil tentar sublinhar como esses elos temáticos dialogam, se atravessam, se enlaçam, emergindo de modo reiterado na ciência e ao mesmo tempo, carecendo de maior profundidade semântica.

Para Ferreira e Amaral (2004, p.139), “Falar de memória é falar de certa estrutura de arquivamento que nos permite experiências socialmente significativas do passado, do nosso presente e de nossa percepção do futuro.” Sobretudo para Huyssen (2000, p.24), se a memória é história, e se todo passado pode acabar talvez estejamos criando nossas próprias ilusões de passado, na medida em que somos marcados por um presente. Sendo assim acreditamos que o ‘passado’ não pode ser ‘resgatado’ uma vez que ele é constantemente resignificado por atores e agentes que vivem sua época e seu ‘presente’.

2 AS INTERLOCUÇÕES DA MEMÓRIA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

O monumento que reverencia os combatentes de uma guerra que tragicamente foram mortos para defender a pátria pode ser considerado um lugar de memória por excelência. Pois, está repleto de representações simbólicas que mobilizam as atenções de uma determinada sociedade. Esse sentimento coletivo está materializado em imagens que exaltam ações, podendo também está em documentos ou em estátuas de um museu.

Destruí-los, não significa efetivamente provocar uma amnésia coletiva, pois a preservação transcende de referências, devido a sua natureza dinâmica, como bem elucida Nora (1993), “a memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, neste sentido, está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento”.

Dessa forma, depreende-se a que o seu ponto de partida são as “funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2003, p.419). Ela é intrinsecamente condicionada por percepções subjetivas, porém, não imune ao contexto na qual está inserida, ela é de fato, como bem lembra Halbwachs (1990, p.51), “um ponto de vista sobre a memória coletiva”.

A memória individual existe, mas está enraizada em diferentes contextos que a simultaneidade ou a contingência aproxima por um instante. A rememoração pessoal está situada na encruzilhada das redes de

solidariedade múltiplas em que estamos envolvidos. Nada escapa à trama sincrônica da existência social atual, é da combinação desses diversos elementos que pode emergir aquela forma que chamamos lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem (HALBWACHS, 2006, p.12).

Memória é *registro informativo*, assim, como discutido inicialmente, ela é limitada e suscetível às transformações, o que fomenta a busca por recursos que a mantenha armazenada e que possibilite sua recuperação, como bem reflete Capurro e Hjolarland (2007). Conservá-la é de forma contínua evocar conhecimento, em um processo de *profundas atualizações*. À luz dessas ideias, surge a seguinte questão: Como a Ciência da informação trabalha com a concepção de memória em seu escopo interdisciplinar?

O tratamento da informação pode viabilizar o resignificar de memórias, a partir de uma reabilitação dos dados anexados em um sistema. Isso depende, essencialmente, da criação de instrumentos que se atentem a demanda e as reais necessidades dos usuários. Nessa conjuntura, as questões norteadoras são: como ela se realiza socialmente? como pode ser (re)constituída? e quais rearranjos identitários ela suscita na era da convergência tecnológica?

Jeudy (1990, p.88) recorda o novo papel assumido pela memória, redimensionado pelas novas modalidades técnicas, característica de uma marcha globalizante. “Nos sistemas de comunicação, a noção de memória adquiriu um sentido determinante. A memória é operacional, participando tanto da estocagem da informação quando de seu tratamento”.

A utilização de verdadeiros suportes de conteúdos é uma ferramenta que repara o esquecimento, o que se chama de “artificial”. Há uma compreensão de que a mesma seja atemporal e peremptória. A digitalização expande as noções da oralidade e escrita como meios rememorativos, cujas intencionalidades apenas enxergam a memória para seguinte recuperação e uso.

A memória em tempos de visíveis avanços nas tecnologias de informação, engendra um novo olhar, aqui até a ideia da amnésia pode entrar em cena, onde a partir das novas tecnologias contribuem para que a memória fique disponível, entretanto, a memória da mídia sozinha não será suficiente para dar conta da demanda de informações existente e disponíveis nos mais variados suportes (HUYSEN, 2000, p.19).

Trazendo um pouco das ideias de memória tratada por Bergson, a partir de uma análise, digamos psicológica, percebemos que o autor procura determinar a relação entre espírito e matéria sobre um exemplo preciso, o da memória. (BERGSON, 1999, p.1). A matéria, para ele, é um conjunto de ‘imagens’. E por ‘imagem’ entendemos uma certa existência que

é mais do que aquilo que o idealista chama uma representação, porém menos do que aquilo que o realista chama uma coisa - uma existência situada a meio caminho entre a ‘coisa’ e a ‘representação’.

De acordo com o autor a matéria pode ser compreendida como o conjunto das imagens, e de percepção da matéria, essas mesmas imagens relacionadas à ação possível de uma certa imagem determinada, meu corpo.

Aqui o corpo tem papel fundamental, pois segundo Bergson (1999, p.12), há uma imagem que “prevalece sobre as demais na medida em que a conheço não apenas de fora, mediante percepções, mas também de dentro, mediante afecções: é meu corpo.” Essa importância é dada uma vez que o papel da imagem que chamo meu corpo é exercer sobre outras imagens uma influência real, e conseqüentemente decidir-se entre vários procedimentos materialmente possíveis.

Destarte observamos as imagens, ou no nosso caso as informações, à nossa volta quando nos aproximamos ou nos afastamos do nosso objeto. Então o corpo desempenha papel fundamental para a visualização, compreensão e diálogo com as informações que o pesquisador da informação seleciona para o âmbito de sua pesquisa.

Nesta perspectiva, e após discussões acima elaboradas, podemos compreender que o escopo e abrangência da Ciência da Informação serão influenciados tanto pelo ‘presente’, quanto pelos atores com suas próprias visões sociais de mundo, uma vez que não há informação fora do contexto. Os objetos são construídos dentro de um domínio de conhecimento.

3 OS ENTRELAÇOS HISTÓRICOS EM HARALD WEINRICH: DISCUSSÕES NA OBRA “LETE: ARTE E CRÍTICA DO ESQUECIMENTO”.

A memória na obra de Weinrich (2000) será tratada a partir de sua seletividade: o esquecimento. Para retratá-la o autor irá utilizar como intenção os meandros do Lete, o rio do esquecimento. De acordo com a mitologia grega, Lete é um rio do submundo, que confere esquecimento às almas dos mortos (WEINRICH, 2001, p.24), aqueles que bebessem ou até mesmo tocassem em suas águas experimentaríamos o esquecimento, desta forma Lete passou a simbolizar o esquecimento.

Algumas metáforas são expressas nas formações vocabulares do esquecimento. Quando por exemplo a memória é descrita como uma paisagem clara, o esquecimento ocupa os lugares ermos, com terrenos arenosos, aquilo que deve ser esquecido. O esquecimento

pode ser dito de forma como um buraco na memória, dentro do qual algo cai, e ao cair, fica no esquecimento (WEIRINCH, 2001, p.21). A imagem de uma tábua encerada utilizada pelos gregos em seus discursos (para identificar a memória), também traz a ideia do esquecimento. Pois a cera podia ser facilmente alisada após o uso e novamente podia-se escrever outras coisas (WEIRINCH, 2001, p.23), no encerar as memórias ali descritas eram apagadas.

Para Platão, nascimento significa esquecimento, mas não total, pode-se reviver pela recordação os conhecimentos adquiridos antes do nascimento. Por isso aprender é na sua essência, recordar. Sócrates também acredita que além do esquecimento há um saber latente que veio com o nascimento, encarnado em um corpo com todas as suas falhas¹.

Para os cristãos e judeus, Deus nunca esquecerá seu povo, mas sob a condição de que esse povo também não o esqueça. Mas será que essa aliança de memória estabelecida entre Deus e seu povo crente afastou definitivamente todo o perigo do esquecimento? Essa pergunta inquieta o coração de Agostinho que por longos anos foi pagão.

A mais profunda experiência de fé de Agostinho é que o mesmo Deus que ele esquecera, não o havia esquecido, portanto Deus não pagou na mesma moeda, mas respondeu ao esquecimento do pecador com sua lembrança divina. (WEIRINCH, 2001, p.46)

De maneira quase platônica, Agostinho acredita que há uma pré-recordação implantada junto com o nascimento e nessa medida culmina em um saber que deve ser desenvolvida em vida e que culminará no conhecimento de Deus. Portanto procurar a Deus significa procurar na perda do esquecimento-de-Deus. (WEIRINCH, 2001, p.46):

A assimetria entre esquecimento humano e lembrança divina, leva Agostinho a refletir mais e a introduzir em suas *Confissões* uma ampla teoria da memória. Suas reflexões psicológico-filosóficas começam com espanto pelas realizações da memória humana: *grande é a força da memória*. (WEIRINCH, 2001, p.47).

Agostinho pensou de modo quase platônico, ele acredita que não há uma relembrança de uma ideia anterior ao nascimento, mas sim há uma pré-recordação implantada junto com o nascimento e favorecendo “um saber que deve ser desenvolvido em vida e que culminará no conhecimento de Deus.” (WEIRINCH, 2001, p.48).

Desta forma Deus, não é apenas buscado na memória do ser humano, mas além de tudo Ele é encontrado. Agostinho também traz a ideia *De trinitate* não apenas como Pai-Filho-

¹ Acreditamos que o espiritismo Kardecista em especial, vai beber dessa fonte.

Espírito Santo, mas como Memória-Razão-Vontade. De modo que na memória humana reconheça-se a marca trinitária.

Ao longo de sua obra Weirinch traz exemplos da literatura europeia, sobre as formas mais notáveis que revestem o esquecimento. Dando continuidade à ideia da representação do divino, agora irá apontar o Inferno de Dante. Esse ergueu em torno da memória dos mortos² sua Divina Comédia, pois quando, com o poder de sua pena, os poetas abordam a memória dos mortos o esquecimento não pode mais realizar seu jogo costumeiro com a memória humano.

Em seus caminhos de peregrinação pelos reinos do Além (o Inferno, o Purgatório e o Paraíso), Dante encontra a cada passo as almas dos mortos, que após sentenças assumem seus lugares em alguns dos reinos. O interessante que Dante não está morto, ele é o único vivo com privilégio de transitar nesses mundos, e nesse transito conversa com os mortos, guardando na memória suas histórias. Assim torna-se a memória universal, que pode ser relatada nos versos de seu poema (WEIRINCH, 2001, p.51).

Para relatar a sua Divina Comédia, Dante precisa da antiga arte da memória, onde o princípio fundamental dessa mnemotécnica é que todos os conteúdos da memória são concebidos como “imagens” que o narrador tem de colocar em determinados “lugares” de uma memória. O curso da narração, então consiste em perpassar por esses “lugares de memória”, para invocar a sequência correta das imagens lá postadas (WEIRINCH, 2001, p.51).

Devemos ver no Inferno um lugar de esquecimento permanente e no Purgatório um lugar de esquecimento temporário, sendo parte da memória real de Deus. Deus recorda que há pecadores no Inferno, mas não deixa espaço em sua memória para o que causou e causaram em suas vidas de pecado, só no Purgatório a memória de Deus põe limites temporais ao seu próprio esquecimento, até acabar a penitencia e a alma então será redimida (WEIRINCH, 2001, p.52). A razão em contraponto com o divino, também é tratado pelo autor, trazendo a figura de Descartes e seu Método Cartesiano³, para ilustrar seus posicionamentos.

² A memória dos mortos sempre estava ameaçada pelo esquecimento.

³ Método cartesiano: consiste na realização de quatro tarefas básicas: verificar se existem evidências reais e indubitáveis acerca do fenômeno ou coisa estudada; analisar, ou seja, dividir ao máximo as coisas, em suas unidades de composição, fundamentais, e estudar essas coisas mais simples que aparecem; sintetizar, ou seja, agrupar novamente as unidades estudadas em um todo verdadeiro; e enumerar todas as conclusões e princípios utilizados, a fim de manter a ordem do pensamento.

No raciocínio cartesiano é fundamental uma abrangente estratégia para o esquecimento. Não apenas aqueles objetos que a memória fornece à consciência, mas todos os conteúdos que lá estão, devem ser submetidos a um esquecimento metodicamente regulado. O esquecimento metódico de Descartes é consequentemente um esquecer voluntário. Descartes coloca a memória a serviço de sua filosofia da razão e a certeza na existência. É o esquecimento metodicamente introduzido, com o relembrar metodicamente controlado.

Nesta perspectiva, ao trazer à luz à razão, Weirinch não poderia deixar de lado as contribuições deixadas por Sigmund Freud.

Com Freud o esquecimento perdeu sua inocência. A partir de então aquele que esqueceu ou quer esquecer tem de justificar-se e estar preparado para uma pergunta, sobre o motivo (intenção secreta do esquecedor) por que esqueceu, ou quando não necessita de justificativa por que ele simplesmente esqueceu algo (WEIRINCH, 2001, p.188).

Freud ocupa-se do fenômeno do esquecimento na sintomatologia dos atos falhos. O que ocorre psiquicamente quando alguém se engana no que escuta, lê, escreve ou quando coloca algo em lugar errado, perde, ou esquece algo? Freud reconhece que são “atos falhos” e estes se fundam no esquecimento (WEIRINCH, 2001, p.187).

Para melhor entender a relação de memória e esquecimento na obra de Freud, recomenda-se atenção especial às metáforas, aqui tratadas sob a reflexão da memória em sua mais importante materialização, a escrita. Segundo Freud há dois tipos de memória escrita: o papel escrito com tinta assume um “rastro duradouro de memória”, mas um quadro onde se escreve a giz pode ser facilmente apagado. Portanto um “sistema de lembrar” favorece a memória que pretende perdurar mais, enquanto o outro, dependendo do armazenamento a curto prazo, está mais próximo do esquecimento. (WEIRINCH, 2001, p.186).

Então o autor de *Lete*, conclui suas ilustrações trazendo as mudanças de paradigmas aos quais as ciências atravessaram, atravessam e atravessarão ao longo da existência da humanidade, pois nada é perene, nada é definitivo, sempre há as mudanças e as ressignificações.

4 SINTOMAS DE LIBERTAÇÃO: AS PROVOCAÇÕES DE METZ EM “POR UNA CULTURA DE LA MEMORIA”

A memória no cristianismo é um mecanismo que busca a justiça, o que torna fundamental evocá-la com o intuito de entender os inúmeros fatos que ameaçaram a

dignidade humana e produziram inúmeras sequelas econômicas e sociais. Ignorá-la, é ratificar o descaso de um passado, o que impossibilita uma mudança das amarras que ainda encontram ressonância.

É o que na compreensão de Benjamim, caminha para uma retomada do passado dos silenciados, dos abandonados, enfim dos exploradores da história, o que é fundamental para a preservação daqueles que são esquecidos nos manuais históricos, portanto, é essencial reconstruir a linearidade dos fatos.

Em Metz (1999), recordar é também emancipar-se. Essa ideia é intrinsecamente associada à dinâmica da Teologia da Libertação, que foi bastante influenciada pelos pensamentos da teologia política do professor alemão. A TL tem como principais expoentes, Gustavo Gutiérrez, Jon Sobrino e Leonardo Boff. Essa vertente tinha como características, uma pregação de mudança da estrutura hierárquica da igreja, uma opção preferencial pelos pobres e uma evangelização embasada no exercício de ver-julgar-agir.

Metz expõe claramente suas discordâncias com Jürgen Habermas, tendo em vista que esse crê que a redenção se fundamentava na infinitude espiritual, na pós-metafísica. Enquanto que Metz defende que a revelação acontece na práxis da fé conectada à história e à política. Fica explícita aqui a sua predileção por uma teologia pós-idealista, marcada por uma influência neoescolástica, que interpreta e busca resolver as grandes questões científicas da modernidade de maneira racional. Há também aspectos de uma perspectiva transcendental, de Karl Rahner, que dialoga com o existencialismo e a secularização tendo como fundamento, conceitos teológicos.

Há constantes críticas à chamada “religião burguesa”, intitulada por Metz (1999) como o vínculo da maioria dos europeus. Em sua visão, essa noção fomenta a centralidade clerical e obstacula a possibilidades de iniciativas que vai ao encontro das novas demandas atuais, que tenta atender fiéis envoltos de realidades complexas.

Ao mesmo tempo, há uma tendência de valorização de um “cristianismo mundial”. “O cristianismo, vinculado a quase dois mil anos a um espaço cultural relativamente unitário, o europeu-ocidental, hoje se amplia a um Cristianismo mundial enraizado em diversas culturas” (METZ, 1999, p.49). Como exemplo dessas investidas de agenciamento de adeptos, está o avanço do catolicismo na África e na Ásia, em contraponto à progressão do secularismo na Europa e ao avanço pentecostal na América Latina.

Os missionários apropriaram-se do modo celebrativo comum às diversas etnias, e ao invés de transformá-las em rituais romanos, adaptaram cânticos e missas, além dos serviços de uma extensa cadeia de hospitais, escolas e entidades que atendem gratuitamente aos desamparados. Tais evidências podem ser entendidas como um “rico trânsito em tensões de uma igreja do Ocidente, mais ou menos culturalmente unitária e nesse sentido monocêntrica a uma igreja enraizada em diversas culturas, e nesse sentido, policêntrica, na qual não se nega a herança europeia, mas é reafirmada a necessidade do povo” (METZ, 1999, p.43).

O discurso de Metz é também bastante influenciado pela tragédia de Auschwitz, (mais notável campo de concentração nazista localizado ao Sul da Polônia, onde teriam morrido mais de um milhão de pessoas). Para ele, é o símbolo da mais cruel das atitudes humanas, o que o leva a indagar acerca da intervenção divina em certos momentos da história.

A recordação salva! E assim como ela livrou Israel, ela mantém a igreja viva. São nas referências rememorativas que se encontra o caminho que leva a Deus, como bem ratifica Santo Agostinho, “ao invés de uma memorização de ideias e de uma verdade previamente conhecida, a memória é uma minuciosa descrição, na qual, a alma é transparente no seu próprio caminho vital à luz da iluminação divina”. (METZ, 1999, p.5).

Esse movimento pode ser apreendido como uma *dimensão anamnética*, pois são nas constantes recordações, que a igreja, fundida numa cultura judaico-cristã, forma a sua identidade como uma comunidade de memória.

Recordar é ressignificar, assim, ela acontece através da narração e também de forma hereditária, como por exemplo, quando um filho pergunta ao pai o porquê daquela comida sobre a mesa, e o pai transmite para ele a história da libertação. Bem como, nos efusivos cânticos, “Shama Israel”, em rituais como “fazer isso em memória de mim”, ou em enunciações de louvor a exemplo de “O nosso Deus é o mesmo de Abraão, Isaac e Jacó”.

Em seu íntimo, a memória cristã é permeada por uma notável esperança, que se concretiza na pessoa de Jesus Cristo, cujos ensinamentos ecoam uma memória perigosa provoca “êxodo nas existências”, pois ela exige mudança, ao mesmo tempo em que é o “futuro para os desesperados”, que são vítimas da “lembança do sofrimento” em um sistema desigual. Nessa perspectiva, esses inocentes também suscitam uma solidariedade coletiva e universal, oriundos de uma sensibilidade anamnética.

Nessa conjuntura, torna-se fundamental evitar a consolidação de uma “cultura da amnésia” que segundo Metz (1999), está sendo disseminada nas relações modernas,

buscando assim silenciar o grito dos que sofrem. Os desdobramentos dessa prática podem levar a um retorno a Auschwitz, mais uma vez rememorado pelo autor como a mais cruel das consequências.

O discurso de “desconhecer o passado”, é um mantra daqueles que, segundo Metz (1999), nas relações atuais, tentam disseminar uma sociedade marcada pelo olhar para o tempo presente, recheada de características efêmeras e individualistas. É a “negação da memória” que deve ser evitada, para que a tradição iluminista, que condenava a religião à irrelevância significativa, seja deixada de lado em prol de um exercício de retorno a tradição judaica, que mesmo sendo perigosa em relação ao futuro, constitui-se como uma história de liberdade.

5 CRUZAMENTOS E SIGNIFICADOS: DIÁLOGOS ENTRE METZ E WEINRICH

A partir de uma discussão acerca das concepções de Metz e Weinrich em Memória, interessa-nos conhecer as aproximações e apropriações entre esses dois teóricos, considerando as complexas dimensões de suas narrativas e posições. Ambas trazem a ideia, mesmo que implícita, do lembrar para não esquecer, e esse lembrar vem arraigado na concepção da existência de um passado que reconfigura as ações de um presente.

Conforme discutido anteriormente, Metz também propõe em suas teorias a memória visualizada a partir do cristianismo, como um mecanismo de buscar a justiça, o que torna fundamental evocá-la com o intuito de entender os inúmeros fatos que ameaçaram a dignidade humana e produziram inúmeras sequelas econômicas e sociais. Defende que a revelação acontece aliando a prática e a teoria da fé conectada a história e a política.

Neste aspecto percebemos a similitude com as ideias de Weinrich, quando este discorre a perspectiva da razão, pois a partir do momento em que temos ciência da existência da memória, selecionamos acontecimentos e atuamos de forma que nos adaptemos a uma realidade vivida. Quando isso ocorre, lembramo-nos do que Freud *apud* Weinrich (2001, p.188) afirmou, que o “esquecimento perdeu sua inocência”.

Em geral, grande parte, senão todos os “contos” trazidos por Weinrich em sua obra, dizem respeito a uma rememoração de um passado, ou um esquecimento deste mesmo passado. Ou seja, é o passado interferindo em aspectos do presente, ele é o plano de fundo das visões sociais de mundo, das atuações e dos comportamentos dos atores.

Quando Wenrich cita Dante, ele percebe a preocupação do autor da *Divina Comédia* em não deixar “o passado”, ou a memória das almas que se encontravam no Inferno ou no Purgatório, cair no esquecimento. Então a busca em trazer e resignificar suas histórias, possibilitar lembrá-los e relembrá-los no tempo ‘presente’. É o que Santo Agostinho também vem propor ao trazer uma segunda representação para a *Trinitate*, onde o Pai-Filho-Espírito Santo seriam agora Memória-Razão-Vontade, para que os seres humanos cristãos jamais esquecessem o passado daquele que sacrificou sua vida, pela dos povos.

Outra demonstração dos significados e semelhanças de posicionamentos dos referidos autores é quando Metz cita que os missionários apropriaram-se do modo celebrativo comum às diversas etnias, e ao invés de transformá-las em rituais romanos, adaptaram cânticos e missas. Aqui voltamos novamente às discussões que viemos tratando ao longo deste estudo, a noção do passado celebrado e readaptado ao presente. Percebemos que não há o resgate, tendo em vista que nessa palavra está intrínseca a ideia de trazer o todo. Mas o todo nunca será trazido novamente na íntegra, ele será transformado de acordo com as perspectivas de cada sociedade, de cada social.

Então o contexto, as perspectivas e visões de mundo estão arraigadas também a outras discussões. Aqui reportamo-nos à informação, compreendendo esta como o fenômeno da CI, é comum percebemos que as pessoas definem conceitos de acordo com suas próprias convenções, contudo o uso comum do termo ‘informação’ trás visões teóricas de certa maneira conflitantes consideramos então, que depende das capacidades interpretativas de cada indivíduo atribuir-lhe um significado. (CAPURRO; HJORLAND, 2007, p.150).

Aqui então reforçamos nossa compreensão de que a informação tomará sentido dependendo do contexto onde essa será aplicada, promovendo então sua utilização. E a memória a ele ligada, possibilitará sua representação, recuperação e avaliação por parte daqueles que a ela buscam e dela necessitam.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perceber a memória no âmbito da Ciência da Informação consiste em um constante desafio, pois a CI enquanto disciplina ou enquanto Ciência, ainda atua de forma insipiente e por vezes muito tênue. Todas as perspectivas irão depender de como o pesquisador utilizará em seus estudos. Trazendo os pressupostos de Bergson visualizamos que tudo irá depender da forma como nos posicionamos para observar as imagens ao nosso redor.

Há um sistema de imagens que chamo minha percepção do universo, e que se conturba de alto a baixo por leves variações de uma certa imagem privilegiada, meu corpo. Esta imagem ocupa o centro; sobre ela regulam-se todas as outras; a cada um de seus movimentos tudo muda, como se girássemos um caleidoscópio. (BERGSON, 1999, p.20).

Conforme discutimos anteriormente, a memória está intrinsecamente condicionada por percepções subjetivas, porém, não imune ao contexto na qual está inserida. Se compreendermos a Memória como um *registro informativo*, fomentamos a busca por recursos que a mantenha armazenada e que possibilite sua recuperação.

É preciso levar em conta que perceber acaba não sendo mais do que uma ocasião de lembrar, esse lembrar está ligado a um passado próximo ou distante, possibilitando re-visualizações do presente. Ou conforme salienta Bergson (1999, p.69) que na prática medimos o grau de realidade com o grau de utilidade, que temos todo o interesse, enfim, em erigir em simples signos do real essas intuições imediatas que coincidem, no fundo, com a própria realidade.

A utilização da experiência passada para a ação presente, o reconhecimento, enfim, deve realizar-se de duas maneiras. Ora se fará na própria ação, e pelo funcionamento completamente automático do mecanismo apropriado às circunstâncias; ora implicará um trabalho do espírito, que irá buscar no passado, para dirigi-las ao presente, as representações mais capazes de se inserirem na situação atual (BERGSON, 1999, p.84).

Assim, a problemática perscrutada nessa pesquisa, enfrentando as reais complexidades desse tema, tentou compreender a memória, resgatada e portadora de sentidos, desde a mitologia de Harald Weinrich, autor do livro *Lete: arte e crítica do esquecimento* (2001) até o debate contemporâneo na teologia de Johan Baptist Metz, com sua obra *Por una cultura de la memoria* (1999).

O perene exercício de seleções de registros, que muitas vezes associam fatos, pessoas e momentos com o objetivo de estabelecer relações e conceitos, configuram-se como uma representação da percepção do sujeito, que compartilha experiências e forma a sua identidade a partir das micro-relações do interior do social. A memória é luz, quando ela torna visíveis as evidências que ajudam a remodelar o presente, que já passou.

O constante diálogo entre o lembrar e o esquecer, entre a memória e as percepções ou afecções, dará com base no indivíduo e como ele lança seu olhar de atuação e observação para com a infinidade de informações disponíveis ao profissional da informação.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CANDAU, Joël. **Antropologia da memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2013.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectiva em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quarteto Editora, 2001.

FERREIRA, Jonatas; AMARAL, Aécio. Memória eletrônica e desterritorialização. **Política & Sociedade**, v. 4, p. 137-166, abr. 2004.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ. Escopo e abrangência da Ciência da Informação e a Pós Graduação na área: anotações para uma reflexão. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. 1, p 31-43, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

JEUDY, Henri-Pierre. **Memórias do Social**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1990.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Tradução de Sérgio Alcides Pereira do Amaral. Seleção de textos Heloisa Buarque de Hollanda. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4. ed. Campinas: UNICAMP, 1996.

METZ, Johan Baptist. **Por una cultura de la memoria**. Barcelona: Anthropos editorial, 1999.

NORA, Pierre (Org.). **Leslieux de mémoire**. Paris: Quarto Gallimard, 2008.

WEINRICH, Harald. **Lete**: arte e crítica do esquecimento. Tradução de Lya Luft. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.